



English as a Medium of Instruction (EMI) na internacionalização do Ensino Superior: análise do contexto em uma faculdade de medicina do sul do Brasil

English as a Medium of Instruction (EMI) in the Internationalization of Higher Education: Analysis of the context in a Medical School in Southern Brazil

Camila da Silva Eidam de Lima¹

Plínio Marco de Toni²

Resumo:

A Internacionalização em Casa (IeC) configura-se como estratégia voltada à democratização do acesso a experiências internacionais, destacando-se o *English as a Medium of Instruction* (EMI) como ferramenta central para promover a internacionalização das instituições brasileiras. Este artigo analisa o papel do EMI em uma faculdade de Medicina do Sul do Brasil, por meio de pesquisa exploratória de abordagem mista, envolvendo 58 estudantes. Os participantes responderam a questionário on-line com questões fechadas e abertas sobre perfil sociodemográfico, proficiência em inglês e percepções acerca do EMI e das estratégias institucionais de internacionalização. Os dados quantitativos e qualitativos foram analisados sob perspectiva crítico-analítica. Os resultados indicam que, embora a maioria dos estudantes apresente algum grau de familiaridade com o inglês, poucos conhecem o conceito de EMI ou as ações institucionais de internacionalização. A maior parte reconhece a importância do idioma para a formação acadêmica e profissional, mas relata dificuldades em seu uso e desconhecimento das iniciativas existentes. A análise evidencia ainda desigualdades associadas à renda e à raça, sugerindo que o acesso à proficiência em inglês permanece condicionado a fatores socioeconômicos. Conclui-se que o EMI pode ampliar oportunidades acadêmicas e fortalecer a inserção internacional, desde que articulado a políticas institucionais de apoio linguístico e democratização do acesso. Recomenda-se o mapeamento de práticas exitosas e maior integração entre os agentes envolvidos, visando consolidar uma internacionalização mais inclusiva no ensino superior.

Palavras-chave: Ensino Superior; Internacionalização; Internacionalização em casa; EMI

Abstract:

Internationalization at Home (IaH) is understood as a strategy aimed at democratizing access to international experiences, highlighting English as a Medium of Instruction (EMI) as a central tool for promoting the internationalization of Brazilian institutions. This article analyzes the role of EMI in a medical school in Southern Brazil through an exploratory study using a mixed-methods approach, involving 58 students. Participants completed an online questionnaire containing closed- and open-ended questions about their sociodemographic profile, English proficiency, and perceptions of EMI and institutional internationalization strategies. Quantitative and qualitative data were analyzed from a critical-analytical perspective. The results indicate that although most students report some degree of familiarity with English, few are familiar with the concept of EMI or institutional internationalization initiatives. While the majority recognize the importance of English for academic and professional development, they report difficulties in using the language and limited awareness of existing initiatives.

¹ Doutora em Desenvolvimento Comunitário, UNICENTRO. Instituição: Universidade Estadual do Centro-Oeste Endereço: Ponta Grossa – Paraná, Brasil E-mail: camisilvapsi@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6408-1442>

² Doutor em Psicologia, UNICENTRO. Doutor em Psicologia do Desenvolvimento Instituição: Universidade de São Paulo Endereço: Irati – Paraná, Brasil E-mail: pliniomarco@yahoo.com.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8052-380X>

The analysis also reveals inequalities associated with income and race, suggesting that access to English proficiency remains conditioned by socioeconomic factors. The study concludes that EMI can expand academic opportunities and strengthen international engagement, provided that it is aligned with institutional policies for linguistic support and democratization of access. It is recommended that successful practices be mapped and greater integration among institutional stakeholders be fostered in order to consolidate a more inclusive model of internationalization in higher education.

Keywords: Higher Education; Internationalization; Internationalization at home; EMI

Introdução

O *English as a Medium of Instruction* (EMI) amplia oportunidades acadêmicas e profissionais, desenvolve competências linguísticas e interculturais e fortalece a imagem institucional das universidades brasileiras. Este estudo é resultado de uma pesquisa de doutorado que buscou conhecer a percepção dos alunos sobre esta estratégia de internacionalização em casa. A literatura mostra que sua adoção enfrenta barreiras como a falta de investimento, resistência de parte do corpo docente e discente, e desafios ligados à proficiência linguística. Embora o processo de internacionalização avance, é fundamental fortalecer políticas de apoio, ampliar a formação linguística e promover ações colaborativas para consolidar a internacionalização como parte integrante da missão universitária e do desenvolvimento regional.

Diante do avanço do processo de internacionalização no ensino superior brasileiro, destaca-se a necessidade imperiosa de consolidar políticas de suporte robustas, ampliar iniciativas de capacitação linguística e fomentar ações colaborativas que posicionem o EMI como elemento estruturante da missão universitária e vetor concreto de desenvolvimento regional sustentável.

Este estudo, recorte de pesquisa de doutorado, buscou investigar como estudantes de Medicina de uma universidade pública da região Sul do Brasil percebem o EMI como modalidade de internacionalização em casa, identificando suas experiências vividas, barreiras enfrentadas e contribuições percebidas para a formação profissional integral.

1.Referencial teórico

1.1 A Internacionalização em Casa (IeC) como meio de internacionalização do ensino superior

A internacionalização em casa (IeC) compreende estratégias que promovem competências globais e experiências internacionais no ambiente acadêmico local, democratizando o acesso sem mobilidade física. Esta proposta inclui atividades interdisciplinares com convidados estrangeiros, internacionalização curricular, mobilidade virtual e integração de estudantes/docentes internacionais na rotina institucional, além de disciplinas em línguas estrangeiras, projetos de pesquisa/extensão internacionais e formação intercultural (Souza; Freire Júnior, 2024). A IeC cria ambientes multiculturais acessíveis, aprimorando proficiência em inglês e confiança no seu uso (Verdu, 2020).

Em 2017, a CAPES lançou o Programa Institucional de Internacionalização para elaborar, implementar e fortalecer estratégias nas IES, incentivando redes de pesquisa internacionais, transformando instituições em ambientes internacionalizados e articulando fomento à pós-graduação. Apesar da relevância, a IeC enfrenta desafios como falta de políticas institucionais claras e sustentáveis, frequentemente limitada a práticas informais desconectadas dos currículos (Leal, 2024).

1.2 O English as a Medium of Instruction (EMI) como estratégia de IeC

O EMI, ou inglês como meio de instrução, utiliza a língua inglesa para lecionar disciplinas em países não anglófonos, priorizando conteúdo sobre ensino linguístico. Popularizado pós-Bolonha (Baumvol, 2016), cresceu globalmente desde os anos 1990, mas permanece incipiente no Brasil (Haus, 2018). Benefícios incluem comunicação aprimorada e confiança (Macaro et al., 2017). Gimenez et al. (2021) destacam sua relevância para elevar produções científicas brasileiras, integrando o país à comunidade global.

Calvo et al. (2022) identificam desafios como falta de suporte docente e debate sobre uso da L1 (português) para esclarecimentos, defendendo EMI sensível ao multilinguismo local. Verdu (2020) e Stallivieri (2008) enfatizam que EMI eleva qualidade, competitividade e reputação internacional das IES brasileiras. Finardi; Santos; Guimarães (2016) mostram correlação positiva entre inglês instrucional e classificação global, contrastando com baixa circulação científica lusófona.

1.3 Desafios da internacionalização e implementação do EMI

Guimarães e Kremer (2020) apontam barreiras ideológicas ao multilinguismo e desafios territoriais no Brasil. Programas como Ciências sem Fronteiras impulsionaram interesse, mas EMI enfrenta baixa proficiência e resistência cultural (Baumvol, 2016). Muller (2013) destaca benefícios como qualificação global e projeção científica/política. Martinez (2016) lista ganhos como preparação para mercado global e ambientes multiculturais.

Calvo et al. (2022) e Tenório Fernando (2022) criticam imposição sem capacitação docente, recomendando suporte linguístico/pedagógico e sensibilidade multicultural. Coura e Coura (2017) veem universidades como produtoras de desenvolvimento tecnológico/social. Apesar do crescimento, EMI exige planejamento estratégico para inclusão equitativa (Guimarães; Kremer, 2020).

2. Metodologia

A presente pesquisa, recorte de um doutorado no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Comunitário da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), adotou abordagem exploratória mista com interpretação dos dados numa perspectiva crítico-analítica com objetivo de avaliar a experiência e percepção de estudantes de graduação em Medicina de uma universidade paranaense sobre o *English as a Medium of Instruction* (EMI). (Leite et al. 2021)

Os participantes foram estudantes regularmente matriculados no curso de Medicina da instituição, convidados voluntariamente para responder questionário online via *Google Forms*, contendo questões sociodemográficas, fechadas e abertas sobre percepções do EMI. Como objetivos específicos, o estudo buscou: mapear crenças, opiniões e percepções dos acadêmicos quanto ao EMI; identificar fragilidades, desafios e fenômenos que influenciam sua implementação e expansão; e gerar subsídios para metodologias de internacionalização da graduação.

Inicialmente, realizou-se o tratamento quantitativo das informações, por meio da sistematização e organização dos dados em categorias analíticas e indicadores numéricos. Posteriormente, procedeu-se à análise qualitativa complementar, com vistas à problematização e interpretação crítica dos resultados, à luz do referencial teórico adotado. A análise buscou não apenas descrever os dados, mas compreendê-los em seu contexto político-institucional, evidenciando tensões, limites e contradições presentes nos processos de internacionalização.

O estudo seguiu as Resoluções 466/2012 e 510/2016 do CNS, com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UNICENTRO. Todos assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), informados sobre objetivos, riscos mínimos, suporte para eventuais desconfortos e direito de desistência a qualquer momento, garantindo anonimato e participação voluntária.

3. Resultados e discussão

A seguir, apresentam-se as categorias formuladas a partir das respostas obtidas nos formulários e a análise crítica dos dados levantados.

3.1 Sociodemografia da Medicina: reprodução das desigualdades de raça e classe

Participaram deste estudo 58 estudantes de graduação em Medicina de uma universidade localizada na região Sul do Brasil. Nessa amostra, 31 participantes (53,4%) identificaram-se como do gênero masculino e 27 (46,6%) como do gênero feminino. Quanto à faixa etária, a maioria dos alunos (82,8%) encontra-se entre 20 e 24 anos, seguida pelo grupo de 25 a 30 anos (13,8%), e pelas faixas de 30 a 35 anos e 40 a 45 anos, ambas representando 1,7% cada.

Em relação à raça autodeclarada, 48 estudantes (82,8%) se identificaram como brancos, dez alunos (10,3%) se declararam como pardos, dois como negros (3,4%), além de um aluno de ascendência asiática (1,7%) e um indígena (1,7%). No que diz respeito à renda familiar, a maior parte dos respondentes (79,3%) declarou possuir renda superior a cinco salários-mínimos, enquanto 10,3% relataram renda entre três e quatro salários, 8,6% entre um e dois salários, e 1,7% menos de um salário-mínimo.

Em relação ao gênero, há leve predominância masculina e pequena diferença em relação às mulheres, indicando distribuição relativamente equilibrada na turma. A distribuição etária é fortemente concentrada entre 20 e 24 anos, mostrando um perfil típico de estudantes em início/meio de graduação; as demais faixas são residuais, evidenciando baixa diversidade geracional. No quesito raça/cor autodeclarada, a amostra é majoritariamente branca, com pequena representação de pardos. Isso sugere baixa diversidade racial e possível sub-representação de grupos historicamente excluídos do ensino superior, especialmente no curso de Medicina.

Quanto à renda familiar, a amostra indica um perfil socioeconômico elevado, com forte concentração em faixas de maior renda e presença mínima de estudantes de baixa renda, o que é consistente com desigualdades de acesso à Medicina no Brasil.

Racial e socioeconomicamente elitizada, a composição sub-representa negros (3,4%), pardos (10,3%) e baixa renda (1,7% abaixo de um salário-mínimo), corroborando estudos que apontam a Medicina como espaço historicamente ocupado por brancos de classe média-alta, mesmo com cotas, onde o perfil majoritário segue branco e rico apesar das políticas afirmativas. Conclui-se que políticas raciais subordinadas a econômicas mantêm desigualdade racial na Medicina, confirmando exclusão estrutural de não brancos mesmo com a Lei 12.711/2012 em vigor (Santos et al., 2020).

3.2 O inglês como marcador de privilégio e exclusão na formação médica

Sobre o conhecimento da língua inglesa, 56 alunos (96,6%) afirmaram possuir algum grau de familiaridade com o idioma, enquanto apenas dois (3,4%) relataram não ter contato. Em relação ao nível autodeclarado de proficiência, a opção fluente corresponde a 37,9% e intermediário também é de 37,9%, enquanto 12,1% dos participantes indicaram ter conhecimento básico, percentual igual ao dos que declararam não possuir conhecimento.

Quando questionados sobre a forma como aprenderam inglês, a maioria dos participantes indicou que adquiriu conhecimento do idioma por meio de cursos de idiomas (51,7%), seguida pelo ensino regular (24,1%), em terceiro lugar, pela aprendizagem autodidata (19%) e dois alunos que responderam que aprenderam em casa (3,4%).

A análise deste grupo de dados indica que a maioria dos estudantes participantes deste estudo possui algum grau de familiaridade com o inglês, sendo que apenas uma pequena parcela declarou não ter contato com o idioma. Verifica-se uma distribuição equilibrada entre os níveis autodeclarados de proficiência “fluente” e “intermediário”, e a via principal de aprendizagem do inglês entre os alunos foi por meio de cursos de idiomas, seguida pelo ensino regular e pela aprendizagem autodidata, o que sugere a importância de oportunidades extracurriculares para o desenvolvimento da proficiência linguística. Segundo dados do British Council, em 2023 o Brasil ocupava a 81ª posição entre 116 países do ranking global de proficiência em inglês da EF Education First, sendo classificado na categoria de "baixa proficiência", posição essa bastante discrepante dos demais países da América do Sul.

Desta forma, é correto afirmar que a predominância de cursos extracurriculares como principal via de aprendizagem do inglês entre estudantes de Medicina revela uma lacuna crítica no ensino formal brasileiro, especialmente em cursos de elite como Medicina, onde a proficiência linguística contribui no acesso à literatura científica atualizada e formação global. Essa dependência de investimentos privados evidencia desigualdades estruturais: enquanto 79,3% da amostra possui renda familiar acima de cinco salários-mínimos, estudantes de baixa renda (apenas 1,7%) ficam excluídos dessas oportunidades suplementares.

A combinação de alta renda familiar e perfil racial majoritariamente branco, assim como a concentração em cursos pagos de idiomas reproduz privilégios de classe e raça, criando ainda uma formação médica ainda mais elitizada. Essa realidade questiona se a proficiência em inglês na Medicina brasileira não está se tornando um marcador de capital cultural acumulado desde a educação básica, em vez de competência desenvolvida pela própria graduação.

3.3 O lugar do inglês na graduação em Medicina: potência formativa e tensões sociais

Ao serem questionados se consideravam que atividades em inglês dentro do curso contribuem na formação, 52 alunos responderam sim e apenas 6 alunos referem que não. Dos participantes, 58,6% responderam que não encontram dificuldade no uso do inglês da graduação e 41,4% responderam que encontram.

Em relação ao uso do inglês na faculdade, em uma pergunta de múltipla opção, obteve-se 56 respostas de que o contato se deu através da leituras de artigos e livros acadêmicos, 12 respostas referem contato através de aulas ministradas em inglês, 10 respostas relacionadas à participação em eventos, palestras ou intercâmbios e 6 respostas referentes à comunicação com professores e alunos estrangeiros e 2 respostas na opção "Outros", descrevendo que o contato se deu através escrita de artigos e provas de revalidação do diploma médico.

Em relação à relevância do inglês na formação acadêmica, a maioria dos participantes reconhece que atividades em inglês contribuem para sua formação. No entanto, uma parcela significativa dos participantes relata dificuldades no uso do idioma durante a graduação, o que pode estar relacionado a lacunas no ensino formal ou à necessidade de maior prática e exposição. Sobre o uso da língua inglesa no cotidiano, 62,1% responderam que sim. Sobre o uso do inglês na graduação, 69% referem que usam com frequência e 29,3% responderam que sim, mas raramente. Isto mostra que a utilização do inglês é expressiva entre os participantes, independentemente do nível de proficiência, evidenciando a demanda real pelo idioma em

diferentes contextos. Reikdal et al. (2011) afirma que a visão da importância do inglês é predominante entre os estudantes, pois entendem que saber inglês contribui com seu futuro auxiliando na inserção em um mercado de trabalho cada vez mais globalizado, além de um maior acesso à informação e possibilidade de melhores oportunidades.

A literatura encontrada defende que o domínio da língua inglesa na medicina é essencial, pois permite acesso às mais recentes pesquisas e publicações científicas que em sua grande parte está em inglês, facilita a participação em eventos e programas internacionais, possibilita a comunicação eficiente com pacientes e profissionais de diferentes nacionalidades e representa um diferencial competitivo no mercado de trabalho, cada vez mais exigente dentro da área médica. Além disso, o inglês é fundamental para o uso de tecnologias e equipamentos médicos modernos. (Iglesias e Batista, 2010; Lima et al. 2024)

Porém, deve-se considerar que inserção do inglês na graduação em Medicina precisa ser problematizada para que não se converta em mecanismo de reprodução de hierarquias acadêmicas e sociais. Embora o idioma ocupe posição central na circulação da produção científica internacional, sua hegemonia não é neutra, estando historicamente vinculada a dinâmicas de poder e à centralização do conhecimento no Norte Global. Nesse contexto, o risco reside em naturalizar o inglês como única via legítima de acesso à ciência, invisibilizando produções em língua portuguesa e desvalorizando experiências locais, especialmente aquelas vinculadas ao Sistema Único de Saúde e às práticas comunitárias. Pensar uma formação médica crítica implica reconhecer que o inglês deve ser compreendido como ferramenta de acesso e interlocução internacional, e não como parâmetro de excelência ou marcador de distinção acadêmica.

Uma internacionalização democrática, portanto, exige que a incorporação do inglês esteja articulada a políticas institucionais de apoio linguístico, garantindo formação acessível e contínua aos estudantes, de modo a mitigar desigualdades de origem socioeconômica. Além disso, é fundamental que a ampliação do diálogo com a produção científica global ocorra simultaneamente à valorização dos saberes locais, das demandas regionais e das epistemologias não hegemônicas. Dessa forma, o inglês pode contribuir para ampliar horizontes acadêmicos e profissionais sem substituir o compromisso social da universidade pública, fortalecendo uma formação médica que seja ao mesmo tempo internacionalizada e enraizada nas realidades locais.

3.4 Conhecimento e adesão às estratégias de internacionalização: internacionalização invisível?

Foi perguntado aos participantes se eles sabiam o que eram estratégias de internacionalização do ensino, sendo que 43 alunos afirmaram não saber do que se trata e 15 relataram ter conhecimento sobre o tema. Em relação ao Escritório de Relações Internacionais da faculdade, responsável pela divulgação dessas estratégias, 54 estudantes declararam não o conhecer, ao passo que apenas 4 afirmaram conhecê-lo. Por fim, ao serem indagados sobre a divulgação das ações de internacionalização, 56 participantes consideraram que essas iniciativas não são bem divulgadas, enquanto apenas 2 responderam que acham as estratégias bem divulgadas.

Porém, ao serem questionados se gostariam de contribuir com a internacionalização do curso, 82,8% responderam que sim. Isso indica que existe o interesse por parte da maioria dos participantes, mas uma falta de acessibilidade a estas estratégias. Este dado vai de encontro com outros estudos sobre a adesão às estratégias de internacionalização.

Sobre a participação em estratégias de internacionalização, a maioria dos alunos participantes não relatou participação em alguma. Entre as respostas positivas, as principais atividades mencionadas foram aulas e seminários apresentados em inglês e estágio observacional no exterior, no caso, mobilidade acadêmica.

Pesquisas sobre internacionalização demonstram que a adesão dos alunos às estratégias de internacionalização no Brasil tem crescido, impulsionada principalmente por políticas institucionais que oferecem oportunidades de mobilidade acadêmica, intercâmbios e participação em eventos internacionais. Os estudos na área indicam que o interesse dos estudantes nessas estratégias se dá pela possibilidade de melhores oportunidades escolares e profissionais e relacionada ao desejo de formação pessoal, autonomia e valorização de experiências multiculturais (Aguiar, 2009; Neves e Barbosa, 2020).

Segundo Neves e Barbosa (2020) a adesão dos alunos às estratégias de internacionalização do ensino superior no Brasil cresce, mas ainda de maneira limitada, pois enfrenta diversos desafios estruturais e institucionais. Embora a importância da internacionalização seja reconhecida, a maioria das instituições de ensino superior brasileiras se consideram pouco ou medianamente internacionalizadas, possuindo poucas ações voltadas especificamente para a graduação. A internacionalização ainda é mais disseminada entre os

programas de pós-graduação, como evidenciado pela priorização de bolsas de doutorado sanduíche e incentivos para docentes, enquanto a graduação recebe menor atenção e financiamento.

Vigorena e Battisti (2022) complementam a ideia, apontando que muitos estudantes desconhecem as estratégias e os escritórios responsáveis pela internacionalização, o que dificulta o engajamento e uma participação mais efetiva nas estratégias. Além disso, a predominância de currículos voltados para o mercado nacional restringe ainda mais o envolvimento dos alunos nas iniciativas internacionais.

Os dados expõem uma contradição gritante: 74,1% (43/58) desconhecem o conceito de internacionalização do ensino, 93,1% (54/58) não sabem sobre o Escritório de Relações Internacionais, órgão responsável pela divulgação, e 96,6% (56/58) consideram as ações mal divulgadas, apesar de 82,8% desejarem contribuir. Essa desconexão não é casual: reflete falha sistêmica de comunicação institucional em universidade pública, onde estratégias globais chegam apenas a uma elite já conectada.

A "invisibilidade" das oportunidades pode mascarar exclusões seletivas, onde quem tem capital cultural (cursos pagos de inglês, redes internacionais) acessa informalmente, enquanto periféricos ficam à margem. Estudos confirmam baixa adesão a programas de internacionalização em universidades brasileiras devido a barreiras informacionais e econômicas, questionando se a "falta de divulgação" não perpetua desigualdades ao invés de democratizar o acesso global (Finardi; Santos; Guimarães, 2016).

Ribeiro e Afonso (2021) relatam que apesar das limitações, experiências como mobilidade estudantil, participação em eventos e o contato com culturas ou pesquisadores estrangeiros são apontados como fatores motivadores para a adesão, principalmente quando estudantes têm acesso a informações, suporte institucional e exemplos de colegas que já participaram dessas ações. Como solução para uma maior adesão consideram a integração de perspectivas internacionais nos currículos e a promoção de ambientes multiculturais nas instituições.

A desconexão entre interesse elevado (82,8%) e conhecimento mínimo sobre internacionalização (74,1% desconhecem o conceito, 93,1% ignoram o escritório responsável, 96,6% criticam divulgação) confirma padrão brasileiro de políticas globais mal disseminadas na graduação, concentradas em pós-graduação e dependentes de trajetórias prévias. Estudos nacionais reiteram baixa adesão devido a barreiras informacionais e econômicas, com poucas

experiências efetivas de mobilidade mesmo onde há demanda, evidenciando que "internacionalização" permanece retórica em universidades públicas sem integração curricular e suporte acessível (Neves; Barbosa, 2020; Vigorena; Battisti, 2022; Finardi; Santos; Guimarães, 2016).

É correto afirmar que as universidades públicas enfrentam subfinanciamento crônico, o que pode reproduzir desigualdades ao concentrar recursos em elites linguísticas e economicamente privilegiadas, em vez de democratizar acesso e promover descolonização curricular.

3.5 A percepção dos estudantes sobre o EMI

Ao ser perguntado se os estudantes sabiam o que era o EMI (ENGLISH MEDIUM INSTRUCTION), 100% dos participantes alegaram não saber. Este dado traz a discussão iniciada por Gimenez et al. (2021) que mostra o desconhecimento por parte dos estudantes sobre o que é o EMI. Isso representa um grande desafio para a internacionalização do ensino superior no Brasil. Muitos alunos não relacionam o EMI ao uso do inglês como língua de instrução em disciplinas acadêmicas em países onde o inglês não é a língua nativa. Conforme já apresentado, foram 12 respostas alegando que participaram de disciplinas e seminários em inglês durante a graduação, mas não percebem essa prática como EMI.

Dutra e Penna (2022) corroboram com esta ideia, sinalizando que muitos alunos não se sentem motivados a participar de metodologias EMI pois não compreendem o propósito ou os benefícios desta estratégia. Além disso, a falta de domínio do inglês, tanto por parte de alunos quanto de professores, e a falta de suporte pedagógico e recursos também são fatores que dificultam a compreensão e a adesão ao EMI. Desta forma, é correto afirmar que a falta de conhecimento sobre o EMI confirma a necessidade de maior investimento em ações de divulgação, bem como sensibilização e formação pedagógica.

Em relação ao entendimento sobre os objetivos do EMI, Bühner (2024) enfatiza que esta falta de compreensão conceitual sobre o que é o EMI e seus objetivos, tanto por parte de gestores quanto de professores e estudantes, impacta negativamente a operacionalização e a aceitação da proposta, como nota-se na resposta dos alunos, que relatam não saber o que é EMI. Desta forma, o interesse dos alunos pode ser prejudicado pois não percebem a utilidade prática desta ferramenta em sua formação.

Gimenez e Marson (2022) indicam uma crescente popularização do EMI ou em países onde este não é o idioma oficial, especialmente em regiões como Europa, Sudeste Asiático. Porém, em países da América Latina e Brasil este é um movimento ainda recente, o que reflete na falta de conhecimento sobre esta estratégia. Neves e Barbosa (2020) apontam as barreiras linguísticas e a burocracia do serviço público como alguns dos desafios a serem superados para que se ampliem mais as ações do EMI.

A análise entre variáveis sociodemográficas e engajamento no EMI revela padrões claros de desigualdade estrutural. Na relação renda familiar x dificuldade na graduação, estudantes com renda >5 salários-mínimos (79,3% da amostra) relatam apenas 19,6% de dificuldades, enquanto na faixa <1 salário-mínimo essa taxa atinge 100%, e entre 1-2 salários, evidenciando que baixa renda triplica as barreiras linguísticas no curso.

Quanto à raça x proficiência, brancos (82,8%) apresentam 83% de níveis fluente/intermediário contra 60% entre não brancos (pardos, negros e minorias étnicas), ou seja, 1,4x mais propensos à proficiência média-alta. No cruzamento renda x aprendizagem, alta renda depende 58% de cursos pagos de idiomas (vs. 30% em baixa renda), reforçando que o inglês é capital cultural acumulado via investimentos privados, não ensino público equânime.

A análise qualitativa do cruzamento entre variáveis sociodemográficas e engajamento no EMI evidencia que o acesso e a permanência em experiências mediadas pelo inglês não se distribuem de forma equânime, mas acompanham padrões estruturais de desigualdade social. Os dados revelam que estudantes de maior renda familiar relatam significativamente menos dificuldades na graduação, enquanto aqueles situados nas faixas de menor renda concentram os maiores índices de barreiras linguísticas, indicando que o domínio do inglês não pode ser compreendido apenas como competência individual, mas como recurso condicionado por trajetórias sociais desiguais. A associação entre renda elevada e menor dificuldade sugere que o capital econômico opera como facilitador indireto do desempenho acadêmico em contextos que demandam proficiência em língua estrangeira.

O EMI pode democratizar a internacionalização ao deslocar o foco da mobilidade física custosa para conteúdos globais integrados ao currículo cotidiano, permitindo que estudantes de baixa renda e regiões periféricas acessem debates científicos atuais sem viagens. Estratégias inclusivas incluem suporte multilíngue híbrido, reduzindo barreiras para não fluentes, currículo

descolonizado que integra saberes locais à literatura global, formação docente em didática EMI priorizando professores internos e plataformas digitais de acesso aberto.

Tais achados indicam que o inglês, no contexto analisado, configura-se como capital cultural acumulado por meio de investimentos privados, e não como resultado de uma política pública de formação linguística equânime. Assim, a implementação do EMI, quando desvinculada de estratégias institucionais de democratização do acesso, tende a reproduzir assimetrias sociais já existentes, convertendo uma proposta de internacionalização em potencial mecanismo de distinção acadêmica.

3.6 Avaliação das estratégias EMI

Em relação à avaliação das estratégias que os alunos participaram, primeiramente foi perguntado sobre a duração da atividade, sendo a maioria das respostas referindo uma duração média de uma aula (45-60 minutos). Ao ser perguntado qual a motivação que levou o aluno a participar da ação, os alunos relatam que participaram dela por ser algo obrigatório, o que demonstra que o acesso ao uso do EMI deu-se através da demanda do professor, não sendo uma participação voluntária, nem uma atividade extracurricular, visto que a palavra “obrigatória” aparece repetidamente entre as respostas.

Quanto aos objetivos da proposta, 60% das respostas afirmam que eles foram claramente definidos no início da proposta, porém, quando questionados se a ação atendeu às expectativas, 60% dos participantes responderam que não. Foi perguntado se a duração da ação de EMI foi adequada e 80% das respostas referem não.

Em uma pergunta aberta, foi questionado ao aluno sobre os aspectos que eles consideram bem sucedidos dentro da proposta, sendo a conversação e a iniciativa como fatores positivos. Estudos como o de Elkhayma (2022) e Tien (2023) defendem que o contato com a língua inglesa no contexto acadêmico aprimora as habilidades de leitura, escrita, compreensão oral e expressão, além de motivar o aprendizado e aumentar a proficiência do idioma. praticar o inglês auxilia no pensamento crítico, na criatividade, capacidade de resolução de problemas e a comunicação intercultural, competências essenciais em ambientes acadêmicos e na vida profissional.

Em relação às dificuldades durante a execução da ação, 60% das respostas apontam que não encontraram. Os alunos que responderam sim foram convidados a descrever quais dificuldades, sendo a confiança em falar inglês e o pouco tempo de duração como fatores que

dificultam o êxito do objetivo. Sobre mudanças percebidas após a experiências, 80% das respostas não as perceberam.

Chand (2021) salienta que a falta de confiança para falar em inglês é um dos obstáculos mais recorrentes e importantes no processo de aprendizagem de uma segunda língua, especialmente entre estudantes universitários. A insegurança pode ser desencadeada por diversos fatores, como preocupação com a pronúncia que se assemelha ao nativo falante, medo de cometer erros e julgado negativamente pelos colegas ou professores.

Bergoli, Bocorny e Freitas (2022) concluem em uma pesquisa feita sobre a percepção do Inglês para fins acadêmicos (ou inglês instrumental) que muitos professores e alunos acreditam não corresponder ao nível de proficiência para participar de uma ação como essa. Anjos, Scheyerl e Torres (2023), complementam com outros fatores como oportunidades para praticar a fala em situações reais, características pessoais como timidez e baixa autoestima o que aumenta a ansiedade e inibe a participação em situações de comunicação oral. Desta forma, estudantes internalizam a ideia de que precisam falar perfeitamente para serem compreendidos ou aceitos. Além disso, a falta de uma motivação clara do uso do inglês pode reduzir o engajamento e dificultar o desenvolvimento da autoconfiança na comunicação oral.

Por fim, pediu-se aos participantes sugestões para futuras ações de EMI e uma das sugestões foi a realização de ações de EMI com maior frequência. Conforme Guimarães e Kremer (2020) a maioria das instituições de ensino superior no Brasil oferecem apenas cursos de curta duração ou algumas disciplinas em inglês, enquanto em países europeus e asiáticos o EMI já está consolidado em programas de graduação e pós-graduação inteiros ministrados nesse idioma. É importante pontuar que em países onde o EMI é mais propagado, existem políticas institucionais robustas voltadas para formação e certificação linguística de professores e alunos, além de maior contato com inglês, geralmente desde a educação básica.

Outras sugestões são em relação ao não julgamento do conhecimento em inglês, deixando claro que o objetivo seja o aprendizado e não avaliar como cada um fala inglês e a proposição de atividades que envolvam a leitura ao invés da conversação. Isto demonstra um fator já apresentado em outros estudos sobre o tema, como Elkhayma (2022) e Tien (2023) os quais apontam que o ambiente universitário precisa ser acolhedor e valorizar o esforço e o progresso de maneira individual. A falta de confiança está frequentemente relacionada à ausência de oportunidades reais e seguras para praticar o inglês em ambientes autênticos e sem pressão. Em contextos em que o uso do inglês está focado na gramática e na leitura, com pouca conversação, enfatizando as diferenças linguísticas entre o inglês e a língua materna e a

ausência de imersão no idioma como único entendimento como proficiência, as pessoas se sentem desmotivadas e despreparadas, limitando muito a adesão às estratégias de EMI.

Kobayashi e Grilli (2023) relacionam a baixa adesão dos universitários em ações de EMI principalmente à insuficiente proficiência em inglês, fator que gera insegurança e dificuldades de compreensão dos conteúdos ministrados no idioma, além disso, a falta de experiências prévias com o inglês em contextos acadêmicos, o desconhecimento sobre os benefícios do EMI, a ausência de suporte institucional e de políticas de incentivo, bem como a pouca familiaridade dos professores com essa abordagem. Esses fatores evidenciam a necessidade de estratégias institucionais que promovam a preparação linguística e a sensibilização dos alunos para a importância do EMI na formação acadêmica e profissional.

Segundo Ignácio et al. (2020), para que as ações de EMI possam ter êxito, é preciso considerar aspectos como a ampliação da oferta de horários, proporcionar apoio linguístico institucional tanto para docentes quanto para discentes, levando em conta os diferentes contextos sociais, econômicos, acadêmicos e culturais envolvidos.

Os autores apontam também que a implementação do EMI de maneira eficaz nas instituições de ensino exige a adoção de estratégias graduais e sustentáveis, priorizando o planejamento colaborativo e o uso eficiente dos recursos já disponíveis, visto que por muitas vezes o financiamento é pouco ou até mesmo inexistente, mas que algumas experiências brasileiras já mostraram que é possível iniciar projetos EMI mesmo sem incentivos financeiros externos, desde que haja motivação institucional e engajamento dos professores e alunos. (Ignácio et al. 2020)

Considerando o contexto brasileiro, é essencial que as instituições ofereçam apoio linguístico gratuito, como cursos de nivelamento, bem como monitorias, grupos de estudo e acesso a materiais didáticos digitais, para que os estudantes possam superar barreiras iniciais no domínio do inglês. As estratégias pedagógicas que disponham de recursos e tecnologia acessível, metodologias ativas também contribuem para a democratização do acesso ao EMI, tornando a internacionalização mais inclusiva e democrática.

Considerações finais

Através deste estudo, pode-se concluir que os alunos reconhecem a importância do inglês na graduação, auxiliando no acesso a conteúdos científicos, publicação de artigos, participação em eventos internacionais e ampliação das oportunidades profissionais, tanto no

Brasil quanto no exterior. Esses resultados reforçam a relevância do inglês na formação médica e apontam para a importância de fortalecer iniciativas institucionais que promovam o acesso à prática e o aprimoramento do idioma, visando à internacionalização efetiva do ensino superior e à preparação dos estudantes para um mercado globalizado.

Em relação aos desafios, o estudo reforça o que trabalhos anteriores já apontavam, em que o uso do inglês no contexto universitário brasileiro tem ganhado destaque, mas apesar desse movimento, a proficiência em inglês entre universitários brasileiros ainda é baixa. Essa limitação dificulta o conhecimento, implementação e a participação plena em iniciativas de EMI. Outrossim, muitos cursos de graduação oferecem uma carga horária insuficiente de instrução no idioma, o que compromete o desenvolvimento da proficiência necessária para atuar em contextos acadêmicos e profissionais internacionais e dificulta uma maior popularização desta estratégia de internacionalização. Desta forma, é essencial pensar ações que enfatizem a importância da internacionalização do ensino para que o reconhecimento internacional das universidades brasileiras aconteça e ter sua relevância reconhecida além das fronteiras.

Os resultados deste estudo evidenciam que, embora a maioria dos estudantes declare possuir algum grau de familiaridade com a língua inglesa, tal domínio mostra-se heterogêneo e, em muitos casos, restrito a níveis básicos ou instrumentais. Observa-se que poucos participantes demonstram conhecimento consistente acerca do conceito de *English as a Medium of Instruction* (EMI) ou das estratégias institucionais de internacionalização em curso. Ainda que a maior parte reconheça a importância do inglês para a formação acadêmica e inserção profissional, os dados revelam dificuldades concretas no uso do idioma, especialmente em contextos acadêmicos mais complexos.

A análise crítico-analítica dos dados permite problematizar o lugar do inglês no ensino superior brasileiro, evidenciando que, apesar de ser apresentado como ferramenta de democratização por meio da Internacionalização em Casa (IeC), seu domínio permanece atravessado por desigualdades estruturais. O acesso à proficiência linguística está frequentemente associado a trajetórias educacionais marcadas por privilégios socioeconômicos, como a possibilidade de frequentar cursos privados de idiomas ou instituições de ensino básico com maior oferta de formação em língua estrangeira. Nesse sentido, o inglês configura-se não

apenas como competência acadêmica, mas como capital cultural que tende a reproduzir distinções e hierarquias no interior da universidade.

O *English as a Medium of Instruction* (EMI) pode contribuir de maneira significativa para o desenvolvimento de competências linguísticas e interculturais dos estudantes, preparando-os para atuar em um mercado globalizado, ampliando suas possibilidades de mobilidade acadêmica e favorecendo o acesso à produção científica internacional. No entanto, embora seu potencial formativo seja amplamente reconhecido, sua consolidação nas instituições de ensino superior depende não apenas de maior incentivo e financiamento, mas também do engajamento efetivo dos diferentes agentes institucionais.

Para que o EMI seja efetivamente reconhecido como instrumento relevante de ampliação de oportunidades acadêmicas e fortalecimento da inserção internacional das universidades, sua implementação precisa estar articulada a políticas estruturadas de apoio linguístico e de democratização do acesso. Quando adotado de forma desarticulada dessas medidas, o EMI pode, paradoxalmente, reforçar assimetrias preexistentes, beneficiando prioritariamente estudantes que já dispõem de maior capital linguístico e condições socioeconômicas mais favorecidas. Nesse sentido, recomenda-se o desenvolvimento de pesquisas que identifiquem práticas institucionais bem-sucedidas, capazes de promover maior integração, intercâmbio e suporte entre os envolvidos, assegurando que a internacionalização se constitua como processo inclusivo e não reprodutor de desigualdades.

Referências bibliográficas

AGUIAR, A. Estratégias educativas de internacionalização: uma revisão da literatura sociológica. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 67-79, 2009. DOI: 10.1590/S1517-97022009000100005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022009000100005>.

ANJOS, F. A. dos; SCHEYERL, D. C. M.; TORRES, M. C. M. Por que tenho dificuldades em desenvolver habilidades em língua inglesa? Um estudo com professores em formação no Brasil. *Revista Entre Línguas*, Araraquara, v. 9, n. 00, e023012, 2023. e-ISSN: 2447-3529. DOI: 10.29051/el.v9i00.17219. Disponível em: <https://doi.org/10.29051/el.v9i00.17219>.

BAUMVOL, L. K. O uso do inglês como meio de instrução no contexto do ensino superior brasileiro: percepções de docentes. 2016. Dissertação (Mestrado) – [Instituição não especificada], 2016.

BERGOLI, P. P.; BOCORNY, A. E. P.; PIRES DE FREITAS, A. L. Inglês para fins acadêmicos em uma instituição de ensino superior pública brasileira: uma análise de



necessidades. *The Specialist*, [s. l.], v. 43, n. 2, p. 93-121, 2022. DOI: 10.23925/2318-7115.2022v43i2a7. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2318-7115.2022v43i2a7>.

BRITISH COUNCIL. The United Kingdom's international organisation for cultural relations and educational opportunities. A registered charity: 209131 (England and Wales) SC037733 (Scotland), 2023.

BÜHRER, E. A. C. EMI na internacionalização do ensino superior: a proficiência como desafio linguístico. In: *Conexões culturais e sociais entre linguística, letras e artes 3*. Atena Editora, 2024. p. 126-134. Disponível em: <https://atenaeditora.com.br/catalogo/download-post/90317>.

CALVO, L. C. S.; COGO, A.; SALLES, M. E. K.; GIMENEZ, T. "English gradually" and multilingual support in EMI: insights from lecturers in two Brazilian universities. *Journal of English as a Lingua Franca*, v. 11, n. 2, p. 147-170, 2022. DOI: 10.1515/jelf-2022-2081. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/jelf-2022-2081>.

CHAND, G. B. Challenges faced by bachelor level students while speaking English. *International Journal of English Language Teaching and Applied Linguistics*, v. 6, n. 1, 2021. Disponível em: <http://www.ijeltal.org/>.

COURA, K. V.; COURA, K. V. Internacionalização do ensino superior: razões políticas, econômicas, socioculturais e acadêmicas. Belo Horizonte, MG, maio 2017.

DUTRA, A. F.; PENNA, S. A internacionalização da educação superior e a experiência de EMI na Universidade Federal de Ouro Preto. *Revista Panorâmica Online*, v. 35, 2022. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/revistapanoramica/index.php/revistapanoramica/artic le/view/1494>.

ELKHAYMA, R. English as a medium of instruction: exploring benefits and challenges in the 21st century. *JURNAL ARBITRER*, v. 9, n. 2, p. 158-163, 2022. DOI: 10.25077/ar.9.2.158-163.2022. Disponível em: <https://doi.org/10.25077/ar.9.2.158-163.2022>.

FINARDI, K. R.; SANTOS, J. M.; GUIMARÃES, F. A relação entre línguas estrangeiras e o processo de internacionalização: evidências da coordenação de letramento internacional de uma universidade federal. *Interfaces, Brasil/Canadá*, v. 16, n. 1, 2016.

GIMENEZ, T. N.; CALVO, L. C. S.; KADRI, M. S. E.; MARSON, M. Z.; KADRI, A. E. Por uma agenda de pesquisa sobre inglês como meio de instrução no contexto de ensino superior brasileiro. *Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas*, v. 60, n. 2, p. 518-534, 2021. DOI: 10.1590/0103181310176511520210602. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103181310176511520210602>.

GIMENEZ, T. N.; MARSON, M. Z. Teacher education in English Medium Instruction settings: a partial view from Brazil. *Ilha do Desterro, Florianópolis*, v. 75, n. 1, p. 155-172, 2022. DOI: 10.5007/2175-8026.2022.e82399. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8026.2022.e82399>.

GUIMARÃES, F. F.; KREMER, M. M. Adopting English as a Medium of Instruction (EMI) in Brazil and Flanders (Belgium): a comparative study. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, v. 73, n. 1, p. 217-246, 2020.

HAUS, C. Crenças de professores brasileiros de EMI sobre pronúncia. *Revista X*, Curitiba, v. 13, n. 2, p. 123-143, 2018.

IGLESIAS, S. R. A.; BATISTA, N. A. A língua inglesa e a formação de mestres e doutores na área da saúde. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 34, n. 1, p. 74-81, 2010. DOI: 10.1590/S0100-55022010000100009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-55022010000100009>.

IGNÁCIO, F.; RAMIREZ, R. A.; PETEROSI, H. G.; SANCHES, B. G. EMI: uma experiência no ensino superior tecnológico. *Revista CBTeCLE*, v. 4, n. 2, p. 51-63, 2020. Disponível em: <https://revista.cbtecle.com.br/index.php/CBTecLE/article/view/290>.

KOBAYASHI, E.; GRILLI, G. A. Implementação de EMI em um curso de graduação em Engenharia: um estudo de caso. *Revista do GEL*, v. 20, n. 2, p. 178-200, 2023. DOI: 10.21165/gel.v20i2.3587. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v20i2.3587>.

LEAL, C. O. S. A internacionalização em casa: desafios e perspectivas no âmbito da Universidade Federal de Pernambuco. 2024. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2024.

LEITE, L. R.; VERDE, A. P. S. R.; OLIVEIRA, F. das C. R.; NUNES, J. B. C. Abordagem mista em teses de um programa de pós-graduação em educação: análise à luz de Creswell. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 47, e243789, 2021. DOI: 10.1590/S1678-4634202147243789. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202147243789>.

LIMA, L. I. A. S.; VALE, E. N. P.; REIS, M. E. L.; BEZERRA, J. G.; MARTINS, G. S.; MARQUES, R. V. D. A. Inglês na medicina: um requisito essencial para o desenvolvimento acadêmico e profissional. *Cuadernos de Educación y Desarrollo*, v. 16, n. 12, p. 01-11, 2024. DOI: 10.55905/cuadv16n12-011. Disponível em: <https://doi.org/10.55905/cuadv16n12-011>.

MACARO, E. et al. A systematic review of English Medium Instruction in higher education. *Language Teaching*, Cambridge, 2017.

MARTINEZ, R. English as Medium of Instruction (EMI) in Brazilian Higher Education: Challenges and Opportunities. Curitiba, 2016.

MULLER, C. V. O processo de internacionalização do ensino superior: um estudo de caso da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

NEVES, CLARISSA ECKERT BAETA; BARBOSA, MARIA LÚCIA DE OLIVEIRA. Internacionalização da educação superior no Brasil: avanços, obstáculos e desafios. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 22, n. 54, p. 144-175, maio/ago. 2020.

REIKDAL, S. M.; MENESES, A. K. O.; DA SILVA, F. G. P.; HORA, J. C.; COELHO, M. P. Inglês: um luxo desnecessário? A percepção da importância do estudo de uma segunda língua

em alunos de classes sociais distintas. *Scientia Plena*, v. 4, n. 8, 2011. Disponível em: <https://www.scientiaplena.org.br/sp/article/view/615>.

RIBEIRO, J. A. B.; AFONSO, M. R. A internacionalização do ensino superior e sua contribuição para a formação na área da saúde. *Revista Humanidades & Inovação*, v. 8, n. 65, p. 288-299, 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/4450>.

SANTOS, J. A. V. dos et al. Perfil socioeconômico e racial de estudantes de Medicina em uma universidade pública do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Educação Médica*, Rio de Janeiro, v. 44, n. 3, 2020. DOI: 10.1590/1981-5271v44.3-20200017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/y8h6fFZnzSTMxBdzBNNC8nd/?lang=pt>.

SOUZA, V. V. S.; FREIRE JÚNIOR, J. C. Internacionalização em casa nas instituições de ensino superior brasileiras: mapeando um caminho. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 18, e1855, 2024. DOI: 10.14393/DLv18a2024-55. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/74610>.

STALLIVIERI, L. Estratégias de internacionalização das universidades brasileiras. 10.13140/2.1.3770.9605, 2008.

TENÓRIO FERNANDO, J. English as a medium of instruction: challenges and opportunities for students and professors of public higher education institutions in Brazil. *Revista BTecLE*, v. 6, n. 2, p. 187-196, 2022. Disponível em: <https://revista.cbtecle.com.br/index.php/CBTecLE/article/view/1101>.

TIEN, C. T. To investigate the benefits and challenges of English-Medium Instruction (EMI) in higher education in Taiwan. *European Journal of Research in Social Sciences*, v. 11, n. 1, p. 12-19, 2023. ISSN 2056-5429. DOI: 10.5281/zenodo.8143015. Disponível em: <http://www.idpublications.org/>.

VERDU, F. C. EMI (English as a medium of instruction) como estratégia de internacionalização em casa: um estudo no programa de pós-graduação em administração da Universidade Estadual de Maringá. 2020. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2020.

VIGORENA, D. A. S.; BATTISTI, P. S. S. A internacionalização do ensino superior na perspectiva de Escritórios de Relações Internacionais. *SCRIBES - Brazilian Journal of Management and Secretarial Studies*, v. 2, n. 2, 2022. DOI: 10.33228/scribes.2021.v2.13660. Disponível em: <https://doi.org/10.33228/scribes.2021.v2.13660>.